

1. Basisdaten

1.1 Titel

A Independência do Brasil

1.2 Autor

Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (Cabro Frio, Rio de Janeiro / Brasil 1812 - 1861)

1.3 Jahr

Tomo I, 1847; Tomo II, 1855.

1.4 Erstedition

A Independencia do Brasil: poema epico em XII cantos dedicado, offerecido e consagrado a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II e offerecido ás augustas, viuva e filhas do heroe do poema. Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1847. 291p.

A Independencia do Brasil: poema epico em XII cantos dedicado, offerecido e consagrado a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II e offerecido ás augustas, viuva e filhas do heroe do poema. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Empresa Typografica Dous de Dezembro de Paula Brito, 1855. 341p.

1.5 Benutzte Ausgabe

A Independencia do Brasil: poema epico em XII cantos... . Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1847. Edição eletrônica do site Brasiliana USP.

A Independencia do Brasil: poema epico em XII cantos... . Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Empresa Typografica Dous de Dezembro de Paula Brito, 1855. Edição eletrônica do site Googlebooks.

2. Zum Autor

2.1 Vita des Autors

Mulato de origem pobre nascido em Cabo Frio, no Rio de Janeiro, integra o principal círculo literário da Corte por volta de 1840. Trabalha como tipógrafo e depois como professor primário. Publica diversos títulos, em diversos gêneros, destacando-se no romance. Nomeado para um cargo público, deixou de participar da vida literária. A publicação do poema épico está associada a sua nomeação para o cargo público que obteve. Costuma ser referido como um dos fundadores do romance no Brasil, embora avaliado em geral como um autor menor.

3. Zum Text

3.1 Gliederung

Doze *cantos*, divididos em dois tomos de seis cantos, numerados sem interrupção. O primeiro tomo foi publicado em 1847, e o segundo em 1855.

3.2 Metrik

Decassílabos, sem que uma das formas tradicionais desse metro (heróico ou sáfico) pareça predominar. O poema usa oitavas-rimas, seguindo o formato camoniano. Os cantos têm entre 102 e 175 estrofes numeradas com algarismos romanos.

Além do texto metrificado, há as indicações de nomes de personagens para introduzir falas (modo dramático) e indicação ou título de textos encrustados (hinos). Em alguns momentos, estas indicações acontecem no meio de uma estrofe ou mesmo verso.

3.3 Paratexte

a) *Dedicatória* ao Imperador Pedro II, mulher e filhas de Pedro I;

b) [dedicatória] „Aos brasileiros“: o Autor reconhece defeitos da obra e afirma não poder aperfeiçoá-la e ilustrá-la com notas por não poder dedicar seu tempo à literatura. Autoretrato romântico do Autor (errância solitária, saudade e esperança).

c) dedicatória ao político e magistrado José Clemente Pereira, conselheiro do Imperador: reconhece o desembargador, retratado no poema, como protetor do poeta e das artes em geral;

d) notas de pé-de-página: umas poucas notas sobre termos indígenas;

e) *argumentos*: síntese do conteúdo, em prosa, no início de cada canto;

e) *Nota* ao final do poema: o Autor transcreve discurso histórico de Clemente Pereira (o político referido como „protetor“ na dedicatória) parafraseado em versos no poema.

f) epígrafes: na dedicatória à Família Real, Cantos I, 9 e X, 155 dos *Lusíadas*, onde Camões se dirige ao Rei Dom Sebastião pedindo aceitação ao seu poema; na dedicatória „Aos brasileiros“, Canto I, 10 dos *Lusíadas*, onde Camões refere que o leitor verá em seu poema amor da pátria movido somente pela recompensa da fama.

3.4 Inhalt

Narra acontecimentos históricos relacionados ao processo de Independência do Brasil, com o Príncipe Regente D. Pedro no centro da narrativa: pressionado pelas Cortes de Lisboa a voltar para Portugal, o Príncipe é apoiado pelas elites locais a manter um centro de poder no Rio de Janeiro. No plano maravilhoso, o Anjo do Brasil tenta vencer o Demônio do Despotismo.

Canto I: Pedro está a caminho de Minas Gerais, aonde vai para evitar o alinhamento da província com as Cortes portuguesas. Sozinho em uma floresta, Pedro ouve as profecias de um velho sobre a Independência. Já com os companheiros, Pedro propõe contarem histórias para fazer passar o tempo na viagem. *Canto II*: descrição e história da América por Pedro.

Canto III: encontro com estrangeiros, que pedem notícias sobre situação do Brasil; sem revelar a identidade, Pedro narra a história luso-brasileira desde a Revolução Francesa (por pressão de Napoleão, o rei de Portugal mudou a sede do reino para o Rio). Monólogo lírico de D. João VI, forçado pelos portugueses a voltar para Portugal. Demônio do Despotismo sai da América e vai para Lisboa com a chegada de D. João ao Brasil: decretos das Cortes são obras do Demônio. *Canto IV*: segue a narração de Pedro: articulações políticas no Rio e São Paulo, discursos de Clemente Pereira e José Bonifácio; descrição do Rio de Janeiro. *Cantos V e VI*: lutas entre brasileiros e portugueses no Rio (Braguez contra os amigos Gonzaga e Nunes). Despotismo desce aos infernos, descrição do inferno e catálogo de demônios. Anjo do Brasil procura a Virgem Maria, que anuncia, através do Anjo Gabriel, que o Brasil será protegido.

Canto VII: Pedro narra: uma família é tragicamente dividida por conflitos entre lusos e brasileiros; retirada dos lusos para Niterói; monólogo lírico de Leopoldina, esposa de Pedro, pela morte do filho. *Canto VIII*: esforço dos liberais para unir províncias e chegada a Minas (fim da narrativa de Pedro). Fim da reação em Minas. Encontro com velho índio, Thomé, a quem Pedro pede para contar histórias. Thomé conta a história de João Ramalho, no início da colonização do Brasil, que teve um filho salvo de ritual antropofágico por intervenção divina. *Canto IX*: Demônio da Discórdia na Bahia; Anjo do Brasil sobe aos céus em busca de ajuda. Painel celestial e plano divino de cristianização no Novo Mundo. Perto do Rio, Pedro conta a lenda de Sumé, lendário cristianizador morto pelos índios. *Canto X*: deputados, anjos e demônios nas Cortes portuguesas; Pedro decide instalar uma Assembléia Constituinte no Brasil. *Canto XI*: declaração de guerra e sonho de Pedro com o Despotismo: é tentado a assumir poder absoluto. Proclamação da Independência. *Canto XII*: novo sonho de Pedro: Anjo dos Destinos apresenta visão do futuro; Pedro é submetido a pacto liberal e constitucional. Visão do sonho é apagada da memória. Comemorações da Independência e recomendações a Pedro Segundo.

3.5 Protagonisten

D. Pedro de Alcântara, Príncipe Regente no Brasil depois que seu pai, o rei D. João VI, volta para Portugal por exigência das Cortes (parlamento constitucional) de Lisboa. É caracterizado como líder conciliador, virtuoso no domínio da palavra. Outras figuras menos relevantes aparecem em episódios narrados por personagens da ação principal.

3.6 Proömium

O proêmio ocupa 38 estrofes e apresenta a divisão tradicional, ainda que de forma inovadora. O Poeta recebe o Anjo da Glória, pergunta por suas intenções e ganha do Anjo um ardor no peito. Só quando vê que o Anjo traz uma inscrição com o nome do poema é que passa a invocá-lo. Descreve o próprio entusiasmo poético e invoca a „Musa dos cristãos amiga“, referida depois como „Brasileira Musa“. Proposição: cantará „O sublimado Herói do Novo Mundo“, que venceu o Despotismo e as forças infernais, representando valores políticos como a Igualdade e a Liberdade, e tendo por prêmio somente o nome na Eternidade e o amor do povo. Terceira invocação: Anjo da Poesia. Desejo de cantar a Pátria e quarta invocação: Anjo do Brasil. „Saudação“ da Pátria, do Imperador e da Família Real (dedicatória a estes últimos).

3.7 Narratologie des Textes

Contém duas linhas narrativas, uma histórica, outra alegórica. Na linha histórica, há narrativas incrustadas, algumas de longa extensão, quase todas tendo o protagonista como narrador. A linha alegórica é toda narrada por narrador externo. Contém painéis descritivos e catálogos nas duas linhas. O narrador se identifica com o poeta no próêmio e no final do poema.

4. Analysekatategorien des DFG-Projekts

As invocações ao Anjo da Poesia, caracterizado como tendo onisciência e a capacidade de eternizar fatos e pessoas, constitui momento autorreflexivo. No início do último canto, o poeta se dirige ao próprio Gênio durante dez estrofes, em tom elegíaco, expressando dificuldade do seu trabalho e o receio de não ter boa recepção. Cantos intradieéticos: cinco hinos, com indicação de título, em oitava-rima („Hino liberal dos colombianos“ e „Hino dos indígenas colombianos“, 2; „Hino de guerra dos tamoios“, 8; „Hino liberal“, 10 e „Hino da Independência“, 12), além de uma prece (Canto I). O poema apresenta também a encenação de narrativas dentro da narrativa, em contexto de transmissão oral.

O poema é designado como *poema épico* no subtítulo e segue a tradição formal do gênero. Além dos hinos incrustados no texto, há a apresentação recorrente de diálogos em modo dramático, com marcas formais evidentes. Integrados formalmente ao texto épico temos as narrativas orais, duas lendas indígenas e duas narrativas sentimentais (de amizade e vingança e de tragédia familiar), além da retórica parlamentar e dos monólogos líricos. Narrativas orais e retórica parlamentar têm implicações mais estruturantes do que os outros gêneros.

O poema não apresenta marcas significativas de subjetividade. Além de valores como patriotismo e amor da liberdade, está difusa no texto uma afirmação da afetividade familiar (quer como fundamento, quer como figuração da vinculação política). Os episódios em que esta afetividade é aprofundada são os monólogos líricos de João VI e Leopoldina.

O herói Pedro, embora apresentado como libertador, está submetido ao plano divino. Ele recusa a ação guerreira e age através da palavra, pautando a sua relação com a coletividade por uma afetividade que toma a relação familiar como modelo.

A „Nota“ ao final do poema, transcrevendo discurso histórico parafraseado no poema, teria função de dar autenticidade a uma passagem do texto. O Autor buscou apenas um documento, de autoria do político a quem dedica o poema.

5. Bibliographische Hinweise

Nunes, Marcos Machado: „Transformações da heroicidade épica em *A Independência do Brasil*, de Teixeira e Sousa”. In: Raquel Bello Vázquez et.al.: *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Brasileiras*. Coimbra: AIL, 2015, S. 109-121.